



Em dez anos muito ou quase nada pode mudar. No que diz respeito ao sector do vinho em Portugal, a década que agora finda assume uma riqueza difícil de ser igualada. Seleccionar quem mais se evidenciou neste espaço temporal é, sem dúvida, uma tarefa ingrata mas, em simultâneo, um enorme desafio, em especial no destacar e realçar do trabalho e afirmar de novos projectos e protagonistas...

FIGURAS DE UMA DÉCADA MARCANTE

TEXTO RUI FALCÃO | FOTOS ARQUIVO

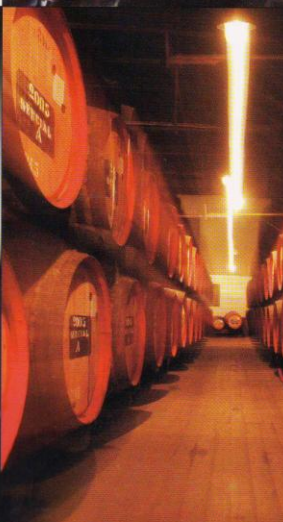
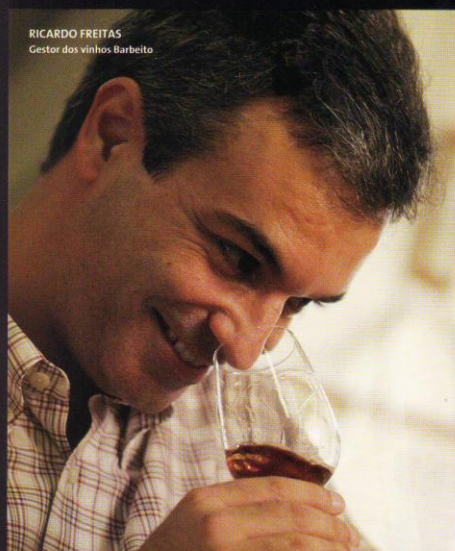
OS VINHOS GENEROSOS

Infelizmente, nem tudo são boas novas, e no mesmo espaço de uma década, no simples mediar de dez anos, assistimos à áspera queda de popularidade dos vinhos generosos, com quebras importantes no nosso grande trio de vinhos fortificados - o Vinho do Porto, Madeira e Moscatel. As sortes, porém, são bastante diferentes para as três linhagens de generosos. Se os Moscatel se resumem a um mercado interno, sem capacidade de exportação e sem grande renovação, sem grandes sucessores à magia dos vinhos da Bacalhôa e, sobretudo, aos estrondosos vinhos Moscatel da José Maria da Fonseca, o caso do Porto e Madeira são bem diferentes. O Vinho do Porto sofreu, e continua a sofrer, amargores durante quase toda a década. Não por penúria de vinhos admiráveis, naquela que terá sido uma das décadas mais apetitosas de sempre, com as declarações sucessivas de 2000, 2003 e, principalmente, 2007... e 2008! Mas a crise financeira do final da década, acrescida das tendências internacionais para uma vida mais "light", mesmo que pouco sincera, ampliada pelo desagrado geral por vinhos doces, a que se somam ainda o preocupante factor de envelhecimento progressivo dos consumidores tradicionais, num vinho que tem sentido dificuldade em renovar o seu potencial de atracção junto dos jovens... aliadas ao drama de uma guerra de preços absolutamente fratricida, têm conduzido o Vinho do Porto para caminhos menos recomendáveis, pouco condizentes com os seus pergaminhos.

A tendência mais destacada, pelo inesperado de andamento e pelo corte radical com o passado, fundamenta-se no brilho recente do Vinho do Porto branco, datados e Colheita, desvendando um novo mercado em que pouco se acreditava... ou apostava. As surpresas têm sido muitas e interessantes, assegurando um novo capítulo para o Vinho do Porto, desbravando novos mercados num nicho que favorece a imagem de alguns produtores menos mediáticos. Neste consistório merecem especial relevo e panegírico o pioneirismo da Andresen, bem como a excelência dos Dalva

Ê N C I A D O V I N H O

RICARDO FREITAS
Gestor dos vinhos Barbeito



FRANCISCO ALBUQUERQUE
Enólogo Madeira Wine Company

Colheita e dos Kopke datados, dignificantes de um sector que luta por encontrar armas renovadas. E foi precisamente imbuído por essa necessidade que germinou a outra grande originalidade da década, muito menos feliz, traduzida pelos Porto rosados que pouco, ou nada, vieram acrescentar à prestigiada família do Vinho do Porto.

Mas a década que agora termina foi também caracterizada pela crescente concentração orgânica do sector, pelo forte investimento estrangeiro e pelo abandono dos grandes grupos da distribuição, conduzindo à criação de grandes grupos de empresas reunidos sobre um chapéu-de-chuva comum, deixando um espaço apertado para as pequenas empresas que se especializaram em nichos de mercado muito restritos.

Na Madeira, a década foi de ouro. Sim, é verdade que subsistem muitas fragilidades na ilha e que o tecido produtivo, na vinha e na adega, continua desmaiado e com debilidades evidentes. Mas existe, finalmente, vontade política e anímica para mudar... e isso sente-se no ar. Os dois grandes agentes da renovação, para além do empenho do Instituto do Vinho, Bordado e Artesanato da Madeira (IVBAM), bem como da fortuna da entrada do capital humano e financeiro da família Symington na Madeira Wine Company (MWC), têm sido Francisco Albuquerque e Ricardo Freitas, os dois grandes ideólogos do Vinho da Madeira, principais responsáveis pela transformação filosófica e material dos grandes vinhos da ilha. O primeiro passo foi proporcionado pela entrada da família Symington no capital da Madeira Wine Company, com a consequente abertura de novos mercados e novos agentes, com o suplemento de "know-how" e com a posterior liberdade de criação de novos vinhos. Hoje, dez anos depois, a ideia já parece trivial, mas o despontar do vinho Alvada, um lote das castas Boal e Malvasia, foi um quase escândalo na irreverência de juntar duas

castas numa região que sempre tinha feito vinhos estremos. Francisco Albuquerque, um dos melhores enólogos de vinhos fortificados do mundo, teve ainda a ideia peregrina de comercializar Colheitas, indispensáveis para devolver a denominação para as bocas do mundo, ao apresentar vinhos renovados e originais todos os anos, sem ter de esperar 60 a 70 anos para consagrar um Frasqueira.

Na Madeira, a década foi de ouro.

Sim, é verdade que subsistem muitas fragilidades na ilha e que o tecido produtivo, na vinha e na adega, continua desmaiado e com debilidades evidentes. Mas existe, finalmente, vontade política e anímica para mudar... e isso sente-se no ar.

Ricardo Freitas, por seu lado, sem formação formal em enologia, mas com uma sensibilidade e espírito extraordinários, a braços com uma produção liliputiana, com uma adega boutique, teve a visão suficiente para perceber que o futuro do Vinho da Madeira passava por vinhos personalizados, vinhos de um só casco, edições únicas e irrepetíveis que lançassem os holofotes numa atracção contínua sobre o Vinho da Madeira. Ricardo Freitas teve ainda o grande mérito de compreender que o Madeira depende da acidez, dessa coabitação primária e indispensável entre uma acidez pungente e a oxidação, emprestando um carácter indomável aos seus vinhos, fazendo muito mais pela Madeira que anos de promoção. Sem a visão destes dois homens, para além do trabalho extraordinário perpetrado pela Henriques & Henriques e dos vinhos dilacerantes mas soberbos da Oliveiras, a

Colheita e dos Kopke datados, dignificantes de um sector que luta por encontrar armas renovadas. E foi precisamente imbuído por essa necessidade que germinou a outra grande originalidade da década, muito menos feliz, traduzida pelos Porto rosados que pouco, ou nada, vieram acrescentar à prestigiada família do Vinho do Porto.

Mas a década que agora termina foi também caracterizada pela crescente concentração orgânica do sector, pelo forte investimento estrangeiro e pelo abandono dos grandes grupos da distribuição, conduzindo à criação de grandes grupos de empresas reunidos sobre um chapéu-de-chuva comum, deixando um espaço apertado para as pequenas empresas que se especializaram em nichos de mercado muito restritos.

Na Madeira, a década foi de ouro. Sim, é verdade que subsistem muitas fragilidades na ilha e que o tecido produtivo, na vinha e na adega, continua desmaiado e com debilidades evidentes. Mas existe, finalmente, vontade política e anímica para mudar... e isso sente-se no ar. Os dois grandes agentes da renovação, para além do empenho do Instituto do Vinho, Bordado e Artesanato da Madeira (IVBAM), bem como da fortuna da entrada do capital humano e financeiro da família Symington na Madeira Wine Company (MWC), têm sido Francisco Albuquerque e Ricardo Freitas, os dois grandes ideólogos do Vinho da Madeira, principais responsáveis pela transformação filosófica e material dos grandes vinhos da ilha. O primeiro passo foi proporcionado pela entrada da família Symington no capital da Madeira Wine Company, com a consequente abertura de novos mercados e novos agentes, com o suplemento de "know-how" e com a posterior liberdade de criação de novos vinhos. Hoje, dez anos depois, a ideia já parece trivial, mas o despontar do vinho Alvada, um lote das castas Boal e Malvasia, foi um quase escândalo na irreverência de juntar duas

castas numa região que sempre tinha feito vinhos estremos. Francisco Albuquerque, um dos melhores enólogos de vinhos fortificados do mundo, teve ainda a ideia peregrina de comercializar Colheitas, indispensáveis para devolver a denominação para as bocas do mundo, ao apresentar vinhos renovados e originais todos os anos, sem ter de esperar 60 a 70 anos para consagrar um Frasqueira.

Na Madeira, a década foi de ouro.

Sim, é verdade que subsistem muitas fragilidades na ilha e que o tecido produtivo, na vinha e na adega, continua desmaiado e com debilidades evidentes. Mas existe, finalmente, vontade política e anímica para mudar... e isso sente-se no ar.

Ricardo Freitas, por seu lado, sem formação formal em enologia, mas com uma sensibilidade e espírito extraordinários, a braços com uma produção liliputiana, com uma adega boutique, teve a visão suficiente para perceber que o futuro do Vinho da Madeira passava por vinhos personalizados, vinhos de um só casco, edições únicas e irrepetíveis que lançassem os holofotes numa atracção contínua sobre o Vinho da Madeira. Ricardo Freitas teve ainda o grande mérito de compreender que o Madeira depende da acidez, dessa coabitação primária e indispensável entre uma acidez pungente e a oxidação, emprestando um carácter indomável aos seus vinhos, fazendo muito mais pela Madeira que anos de promoção. Sem a visão destes dois homens, para além do trabalho extraordinário perpetrado pela Henriques & Henriques e dos vinhos dilacerantes mas soberbos da Oliveiras, a Madeira estaria hoje perto da agonia, longe dos bons tempos que, espero, se avizinham.